

O Brasil como tema constituinte do mercado literário na Alemanha oitocentista. Memórias de Joseph Friedrich von Weech no Rio de Janeiro de 1823 a 1827.¹

Luiz Barros Montez, UFRJ

Ainda em alto mar, em 1827, o bávaro Joseph Friedrich von Weech (1794-1837), agricultor e antigo oficial bávaro, pôs-se a redigir um de seus dois livros onde conta sua experiência (mal-sucedida) como agricultor no Brasil, intitulado *Brasiliens gegenwärtiger Zustand und Colonialsystem – Besonders in Bezug auf Landbau und Handel – Zunächst für Auswanderer* (1828)². Foi uma espécie de livro de aconselhamento, especialmente destinado aos alemães que à época tinham pretensões de emigração ao Brasil, principalmente ao Rio de Janeiro, onde o autor tinha acabado de passar quase quatro anos, entre 1823 e 1827. Retornava então à Europa depois de os seus planos de se estabelecer como empresário em terras cariocas se verem malogrados.

Weech, desde criança fascinado com a ideia de visitar pessoalmente países e povos estrangeiros, ideia que até a maturidade lhe “inflou o peito com infinitos anseios” (WEECH, 1831, 1, p. 3), viu a oportunidade de realização de seus sonhos no Brasil no início de 1823, quando recebeu uma carta da Inglaterra na qual uma pessoa de sua confiança, por ele considerada “talentosa e justa” convidava-o a tomar parte em um assentamento agrícola no Brasil. Pôs-se então imediatamente a estudar os aspectos práticos e teóricos da agricultura, e calculou toda a sua empresa em termos financeiros, de modo a afastar “o que fosse temerário e aventureiro, coisa relacionada em geral a empreendimentos em terras estrangeiras” (idem, *ibidem*), reservou fundos para a empreitada e, em abril do mesmo ano, partiu de München em direção ao Rio de Janeiro, passando pela Holanda, Inglaterra e Portugal.

Aqui chegando, fundou no Rio uma fábrica agrícola destinada à produção de café, açúcar e arroz – tendo à sua disposição mão de obra escrava. Foi muito próspero. Para o estabelecimento de Friedrich von Weech no Brasil, a ajuda de Georg von Langsdorff³ havia sido decisiva. O cônsul-geral da Rússia no Brasil, também naturalista e proprietário da famosa fazenda Mandioca, ajudou-lhe na escolha das terras nas proximidades de sua

¹ Uma versão ampliada do presente texto será em breve publicada sob o título “Um relato sobre o Brasil na constituição do gosto pela leitura na Alemanha oitocentista. Memórias de Joseph Friedrich von Weech no Rio de Janeiro (1823-1827)”.

² Em edição brasileira: WEECH, J. Friedrich von. *A agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial*. Tradução de Débora Bendocchi Alves. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992.

³ Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), médico alemão de origem nobre, tomou parte na expedição do almirante russo Adam J. von Krusenstern, viagem que posteriormente descreveu em publicação de 1812 intitulada *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*. Após o retorno, tornou-se conselheiro na Corte e membro da Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo. A partir de 1813, Langsdorff atuou como cônsul-geral da Rússia no Brasil. Em 1816 adquiriu sua conhecida fazenda “Mandioca” (hoje localizada em Inhomirim, distrito de Magé, Rio de Janeiro), que serviu como referência e ponto de apoio para diversos viajantes europeus que percorreram o interior do Brasil à época.

própria fazenda, localizada ao pé da serra, no fundo da Baía de Guanabara, lugar a partir do qual diversos viajantes iniciaram suas viagens para o interior do Brasil, em direção a Minas Gerais. Quando o mesmo Langsdorff partiu em sua viagem, iniciada em 1824, solicitou a Weech que assumisse a administração da Mandioca, o que este por gratidão aceitou, mas não sem alguma contrariedade.⁴ Depois de algum tempo, exausto, Weech adoeceu, o que o fez decidir-se por uma viagem a Buenos Aires, onde esperava se restabelecer completamente. Deixou sua propriedade sob a supervisão de um amigo que, entretanto, não honrou os seus compromissos de manter a ordem e o andamento em suas plantações. Quando retornou ao Rio, Weech defrontou-se com o estado desolador de suas propriedades, o que o fez abandonar seus projetos agrícolas e mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro. Estava decidido a empreender novo negócio, desta vez no ramo da produção de leite, na ilha de Mocanguê, fundeada na Baía de Guanabara, em terreno arrendado de um português.⁵ Teve êxitos iniciais, mas logo em seguida novamente adoeceu, passando a submeter-se a tratamento médico na capital. Por este e outros infortúnios, viu arruinados os seus planos de fornecer leite para o Rio de Janeiro. Tão logo recuperou-se, desistiu de seus planos no Brasil, e, nos primeiros dias de maio de 1827, partiu de volta para München, ali chegando após passar pelas Ilhas Açores e por Hamburgo.

Como mencionei anteriormente, Weech escreveu duas obras sobre o Brasil. Dada a ótima recepção de seu primeiro livro, de 1828 (com tradução brasileira), o autor publicou em 1831 sua segunda obra, em 3 volumes (no original chamadas de “partes”), intitulada *Reise über England und Portugal nach Brasilien und den vereinigten Staaten des La-Plata-Stromes während den Jahren 1823 bis 1827*, (*Viagem ao Brasil e aos estados unidos do Rio da Prata, através da Inglaterra e Portugal, nos anos de 1823 a 1827*) em que descreve em detalhes sua viagem e suas experiências, sendo a narrativa estruturada fundamentalmente pela descrição da fisionomia humana e geográfica da cidade do Rio de Janeiro.⁶ Nela, o autor rememora o seu cotidiano vivido na capital do recém-fundado império, em meio a sua população, sua topografia, suas ruas, seus prédios; propõe-se a descrever os diversos tipos, classes e estamentos, masculinos e femininos, os seus hábitos de cultura, higiene, além práticas econômicas, religiosas, artísticas e alimentares que observou *in loco*. Escreve sobre a escravidão, sobre como os escravos eram tratados, arriscando comparações com a servidão em diversas partes da Europa. Procura detalhar os diferentes grupos étnicos negros, sua psicologia, seus hábitos, seu comércio, sua ocupação como “escravos de ganho”, seu lazer e permanência nas proibidas “tendas” etc. Weech focaliza diversas instituições brasileiras que observou no Rio de Janeiro, como a corte, a igreja, a polícia, as cadeias, os mosteiros e lugares de “correção” para mulheres, a “roda” e o abandono de filhos bastardos, as paisagens, os hábitos, os monumentos.

O primeiro dos 3 volumes que compõem a obra subdivide-se em 5 partes, chamadas pelo autor de “livros”. O quarto “livro” deste primeiro volume (“primeira parte”) é composto de duas seções. A primeira, um longo excuro, que vai da página 219 à 263 (44 páginas, portanto), intitulado “Gedrängte Übersicht der Geschichte Brasiliens von der Entdeckung des Landes bis auf unsere Zeiten” (“Panorama compacto de história

⁴ “Considero a gratidão uma obrigação; o senhor von Langsdorff mostrou-se sempre solícito para mim, e, embora não desconhecendo o fato de que estava assumindo um grande fardo, me foi impossível deixar de atender o seu pedido” (WEECH, 1831, 3, p. 20).

⁵ Ilha situada ao lado de Niterói, e atravessada pela ponte que liga este município ao Rio de Janeiro.

⁶ Hoje, em 2017, o leitor brasileiro pode – como eu próprio o fiz – adquirir a obra de Weech em 3 volumes (bem como de diversos outros viajantes oitocentistas, com edições anteriores a 1923) em publicação fac-similar impressa nos Estados Unidos da América, à venda em livrarias virtuais conhecidas.

do Brasil, da descoberta do país aos nossos tempos”). A segunda seção, substantivamente menor, é intitulada “Statistische und geographische Bemerkungen” (“Observações estatísticas e geográficas”), e vai da página 264 à 276 (12 páginas).

Salta aos olhos aqui a desproporção da importância atribuída pelo autor ao registro cronológico do Brasil com relação ao registro geográfico. A extensão do excuro historiográfico (que recorre à época do “descobrimento” do Brasil pelos portugueses, ocorrida mais de três séculos antes, para, percorrendo esta longa estrada do tempo, aportar na época da Independência do Brasil) é um gesto discursivo que cria ao leitor alemão inteligibilidade sobre o país sul-americano, e está longe de ser um gesto banal e natural. É, ao contrário, extremamente significativo, porque trata de conectar o leitor a uma concepção de nação enquanto “comunidade imaginada” em meio a outras nações muito diferentes, e mesmo antagônicas. O texto de Weech é, precisamente, mais um dos dispositivos que constrói discursivamente o Brasil como uma “comunidade imaginada” para o europeu.

A propósito do discurso e de sua materialidade, acho bastante útil retomar aqui previamente uma formulação utilizada por Márcio Seligmann-Silva em ensaio recente. Nele, retomando Walter Benjamin⁷, Seligmann-Silva relembra que o verbo alemão para designar o ato de “testemunhar” – “zeugen” – também pode significar “criar”, “produzir”. E que o “convencimento”, a “Überzeugung”, pode também denotar uma “supercriação”, uma “superprodução” de sentido. O prefixo “über” pode ser pensado como um ato de “recobrir”; uma criação que recobre – e, portanto, mascara – o ato fundador de sentido. Este ato discursivo da Überzeugung pode ser lido, portanto, na chave da “supercriação” de uma autoidentidade, naturalizada através do ato do “testemunho”, do “vou contar o que eu mesmo vi e ouvi”.

Em termos da economia verbal do relato de Friedrich von Weech de 1831, este “convencimento” ou “Überzeugung” se manifesta de diferentes formas na superfície do texto.⁸ Como todos os relatos à época, também o texto de Weech constituía uma oportunidade de reflexão aos leitores alemães sobre sua própria condição socioeconômica, cultural, política, ou mesmo antropológica, na medida em que contrastava com sua própria realidade aquilo que ele, um conterrâneo, “viu e ouviu pessoalmente” acerca dos habitantes da terra incógnita. A crença na “veracidade” e “fidedignidade” do que o viajante descreve, isto é, a crença “no saber representacionista do *positivismo*, com sua concepção instrumental da linguagem e que crê na possibilidade de se transitar entre o tempo da cena histórica (...) e o tempo em que se escreve a história”⁹ faz o leitor aceitar despercebidamente o ato de nomeação. Friedrich von Weech não descreve as terras e gentes brasileiras que vê, quando as enfeixa sob o conceito espaço-temporal de “América”, e sim as qualifica ativamente, as recria, recobrando-as com um tecido semântico a elas estranho:

Às seis horas da manhã nós nos movíamos lentamente em direção ao litoral, e logo em seguida podíamos vê-lo em detalhes. Eu me sentei na gávea para apreciar a vista magnífica sem ser incomodado, que ia crescendo em encanto e majestade à medida que nos aproximávamos

⁷ SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 178.

⁸ No texto de Seligmann-Silva, a articulação dos termos “testemunho” e “testemunha” é mobilizada no contexto específico da reflexão sobre uma situação-limite, na obra *Eumênides*, da trilogia teatral de Ésquilo, em função do julgamento de um “homicídio” (cf. SELIGMANN-SILVA, p. 173).

⁹ SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 183. Alguns aspectos neurais, psicológicos e filosóficos da crítica a esta crença são abordados em GALLE e SCHMIDT, 2010, em especial no ensaio de SAFATLE, 2010, e no de SCHEFFER, TRUJILLO e ULRICH, 2010.

do solo. Contudo, embora eu estivesse admirando as formações montanhosas notáveis e extremamente originais que formam o litoral do Brasil nesta região, havia para mim um estímulo muito maior em meus pensamentos, qual seja, que eu logo pisaria o solo da América, a terra, o objetivo de meus desejos mais elevados e de meus sonhos de juventude. Por isso, olhando fixamente o litoral, entreguei-me inteiramente à minha imaginação. Imagens alegres de um futuro feliz emergiram em minha alma, a esperança e a confiança retornaram ao meu peito; ao menos neste belo instante eu estava feliz (WEECH, 1831, 1, p. 297).

Longe de querer examinar aqui detalhadamente o significado deste ato de “batismo”, e menos ainda de julgar as vantagens e desvantagens deste uso – sim, também há vantagens nele, haja vista que ele dá conta do caráter híbrido da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX, europeia e ao mesmo tempo não europeia – o que importa aqui é constatar que todo um imaginário pré-existente no leitor é acionado no ato da designação, mobilizando expectativas que, à medida que vão sendo confirmadas ou infirmadas ao longo do texto, configuram os homens e as terras americanas como um “outro” perfeitamente verossímil e crível, que, por comparação, vai servir de contraste com o homem europeu.

Como no primeiro livro, o nosso viajante também procura na obra de 1831 informar o candidato a emigrante sobre as características, agruras e dificuldades da vida no “novo mundo”. O número de subscrições desta obra em 3 volumes indica que também ela teve excelente acolhida entre os leitores. Com ambas as publicações Weech antecipou a abundante literatura que proliferou na segunda metade do século XIX, encarnados nos guias para viajantes (*Ratgeber*) com destino ao Brasil.

Contudo, se do ponto de vista de sua função como guia aos futuros neófitos alemães no Brasil as duas obras de Friedrich von Weech têm proclamadamente a mesma função, elas são, contudo, substantivamente distintas entre si. Os livros de 1831 apoiam-se, fundamentalmente, menos na descrição “objetiva” da economia agrícola e econômica do Império recém-fundado, recheada de números, tabelas e informações precisas, como é o caso de sua primeira obra de 1828, e mais na experiência espiritual, psicológica e estética vivenciada pelo bávaro no “exótico” país sul-americano.

O que também quero neste breve texto é evidenciar como a publicação de 1831 contém elementos que nos permitem vê-la em uma dimensão que em muito ultrapassa os seus propósitos declarados de servir como um *Ratgeber*. Em seu conjunto, estes elementos podem, inclusive, servir como marcos ou balizas do campo de tendências que chamaremos aqui sumariamente como “campo literário”.

Nem precisaríamos, aliás, renunciar liminarmente à tentativa de definição deste campo literário, demarcando-o das narrativas não-ficcionais em primeira pessoa mais afeitas à reprodução do real, igualmente própria do memorialismo e das narrativas historiográficas. Um breve exame da literatura alemã do *Vormärz*, por exemplo, nos evidencia como as narrativas de viagens iam ao encontro do gosto literário do público leitor da época, que, inclusive, passam a ser um dos vetores determinantes do mercado de fabricação, circulação e consumo de livros. Não vem ao caso descrevermos aqui as razões da crescente demanda por relatos de viagens àquela altura entre os leitores europeus, e, mais especificamente, entre os alemães. Entre tantas funções e possibilidades de recepção, as espacialidades e temporalidades externas, exteriores ao mundo europeu e veiculadas por relatos de viagens, ofereciam-se como oportunidades para a tematização, ainda que por via indireta, por comparação, das contradições da sociedade burguesa em desenvolvimento, cujas limitações eram percebidas pelos leitores em seu cotidiano. Da

crítica mais geral à opressão política no mundo germânico, particularmente após a derrota de Napoleão e, a partir de 1815, da Confederação Alemã (*Deutscher Bund*)¹⁰, à crítica feminina ao (quase completo) exclusivismo masculino do mundo dos viajantes, os relatos de viagens forneciam matéria de reflexão, ou mesmo de devaneio e distração, para todos os que “não possuíam coragem, dinheiro ou possibilidades para partirem eles próprios para o estrangeiro”. Sua leitura constituía-se então como “viagem de canapé”¹¹.

É fora de dúvida que a obra de 1831 de Friedrich von Weech também desempenha o papel de “livro de literatura”. Nele, abundam tropos que impactam com frequência a sensibilidade estética do leitor, e mobilizam por vezes com força suas emoções. Entre diversos tropos, trago aqui alguns rápidos exemplos de elementos **líricos** e **cômicos**, do **horror** e da **piiedade** na obra que ora analisamos.

Em uma seção intitulada “Observações durante uma caminhada pela cidade. O Passeio Público”, Weech discorre sobre um dos jardins mais bonitos e agradáveis que conheceu no Rio de Janeiro, em uma passagem ao mesmo tempo lírica e cômica.

Pelo lado do continente, o *Passeio Público* é cercado por um muro que dá para o mar, cujas ondas se partem no choque com um dique colossal, somente reexibido há pouco tempo. É um grande jardim, mas possui várias passagens largas e muito bem conservadas, que são inteiramente recobertos pela sombra de árvores estrangeiras, em sua maioria provenientes da Índia oriental e da África; as partes restantes do jardim são plantadas com os mais selecionados arbustos e plantas, que durante o ano inteiro ostentam alternadamente as florescências mais belas e cheirosas. Desde que o jardim foi posto sob a direção superior do distinto professor de botânica, o padre Leandro de São Sacramento, o botânico europeu encontra aqui muitas oportunidades para aplacar a sua fome de saber, pois este ativo homem esforça-se zelosamente em plantar num lugar delimitado, numa combinação harmônica, as mais raras plantas do globo, e para elas se acostumarem ao clima e ao solo.

A ideia do padre Leandro de abrir aqui o seu curso de botânica parece-me muito feliz; em função de sua solicitação, o governo mandou construir um pequeno salão de bom-gosto, erigindo-o aos ouvintes que aparecem aos montes, para dormirem durante a palestra espirituosa do professor (WEECH, 1, p. 315).

A descrição do religioso certamente surpreende divertidamente o leitor. E, ao final desta seção, o leitor se vê igualmente surpreendido ao ser informado que seu texto não é “poético”. Na realidade, Weech plasma ao longo deste excurso (aqui abreviado) sobre o Passeio Público descrições autenticamente poéticas, e sua consideração metacrítica revela-se um engenhoso e irônico procedimento discursivo, digno do aplauso de um jovem Friedrich Schlegel:

Agradável jardim, eu jamais te esquecerei; sobre o dique que te protege da destruição um talentoso admirador da natureza será algum dia

¹⁰ Aqui, os exemplos mais salientes são os *Reisebilder* de Heinrich Heine.

¹¹ Cf. HABINGER, 2006, p. 61. Nesta parte de seu livro Gabriele Habinger destaca a importante função que os relatos de viagens desempenharam entre as mulheres leitoras no início do século XIX, em sua grande maioria com pouco ou nenhum acesso à formação intelectual sistemática, como fonte importante não somente de distração, mas também de informação.

arrebatado para a poesia. Pois, se uma centelha desta nobre arte repousa no peito humano, ali ela necessariamente seria despertada. Em minha alma infelizmente não bruxuleia nem mesmo uma centelhazinha, porque senão o meu primeiro ensaio teria sido uma ode ao *Passeio Público* (WEECH, 1, p. 320-321).

Mais adiante, uma cena macabra suscita plenamente o horror do leitor. Digna de um conto de Edgar Allan Poe, o trecho, ainda que breve, se apresenta como uma balada, plasticamente concluída com uma ironia mórbida:

Logo após a minha chegada no Rio de Janeiro eu tive a oportunidade de presenciar um enterro, que teve lugar na igreja, segundo o costume português. A falecida era a esposa de um francês, ligada a ele havia pouco tempo, e com apenas vinte anos de idade. Ela estava numa comprida caixa retangular forrada de pano preto e sem tampa (somente pessoas muito distintas ou ricas recebem caixões); estava vestida de preto, tinha sobre os seus cabelos um lenço branco, os pés completamente descobertos, e estes e as mãos atados. A jovem mulher tinha desencarnado às onze horas da manhã; às quatro horas, cinco horas depois, portanto, começaram os preparativos para o seu enterro. Tenho que admitir que isto, além do seu traje mais do que miserável, e principalmente a preparação para o sepultamento, me agitou desagradavelmente. Pois eu ainda não era indiferente a acontecimentos como este, como todos os que se encontram no Brasil já há algum tempo. O que eu sentia não era pesar pela criatura certamente querida e bela, convocada tão cedo pela morte, pois me parecia improvável que uma vida mais longa pudesse lhe oferecer muitas alegrias; meu sentimento me dizia que os despojos de uma rica existência não deveriam ser arrancados de mim antes que assim o exigisse a mais alta necessidade ou a prescrição da lei, e que ainda que eu fosse a mais pobre das criaturas eu preferia dispensar a última de minhas peças de vestuário a tolerar que expusessem o meu ser, tão valioso em vida, envolto em andrajos e seminu aos olhares dos curiosos, ao baixar ao túmulo. Mas eu posso estar enganado, pois não me informei sobre as circunstâncias mais próximas das relações familiares da morta; no entanto, as aparências depunham contra o seu marido.

Logo em seguida veio o carro funerário; a caixa já mencionada foi trazida sem nenhuma outra cobertura sobre o cavalete, o cortejo se pôs em movimento, acompanhado pelos conhecidos da falecida, e deteve-se diante da igreja do mosteiro de Santo Antônio. Aqui, a caixa foi levantada pelos amigos mais próximos do carro, foi carregada para a igreja e posto sobre um cavalete funerário. Enquanto os monges cantavam com voz rouca o seu *de profundis*, nós recebíamos velas de cera; o cadáver foi alçado do cavalete e nós o seguimos até o claustro do mosteiro. Lá, dois negros estavam ainda ocupados com a desocupação de um túmulo, e com horror percebemos como eles traziam à superfície juntamente com a terra as extremidades de um cadáver semidecomposto, talvez enterrado havia pouco tempo, e os jogavam para o lado rindo e com revoltante brutalidade.

Quando o túmulo ficou limpo em toda a sua profundidade, o cadáver foi colocado sobre as cordas e baixado até o fundo; os negros já queriam

jogar sobre ele terra e ossos, quando um dos presentes ainda pulou no túmulo e cobriu o rosto da falecida com um lenço. Apressei-me dali então, e jurei não mais presenciar tão cedo um sepultamento. (...)

Me contaram que, se os amigos do falecido não esperarem junto ao túmulo até que este seja coberto com terra ou fechado, os coveiros, na maioria negros, ávidos por um roubo, depois de simularem ter coberto o caixão com alguma terra, abrem-no logo depois de se afastarem os transportadores do corpo, e roubam as roupas ou outros pertences valiosos do defunto.

Evidentemente que a jovem francesa não precisa temer isso (WEECH, 1, p. 339-342).

Na décima seção do livro 1, intitulada “Observações durante diversas caminhadas na cidade. Comércio de cavalos. Castigo público dos negros”, acompanhamos com um misto de horror e piedade a punição com chicotadas de alguns negros em praça pública. O exercício do castigo de chicotadas que “arrancam sangue” era por lei monopólio do estado, e, para o caso narrado, surpreende a relativa frieza com que Weech classifica os criminosos. Certamente, o autor teve consciência de que o desfecho do episódio e sua justificativa racional para a necessidade de punição de escravos delinquentes como os que descreve não atenuam o horror e a comiseração produzidos no leitor:

[Q]uando eu, em sua companhia [de um alugador de cavalos], atravesssei o portão que dava para os seus estábulos, três negros com as mãos amarradas às costas estavam sendo trazidos sob escolta militar até uma coluna de madeira; um deles foi imediatamente despido até a altura da camisa e teve os braços e pernas manietados em argolas de ferro, de modo a não poder se movimentar; um outro negro aplicou-lhe em seguida, com um chicote com quatro correias retorcidas na extremidade, um número prescrito de golpes sobre as nádegas, após o que o castigado foi solto, procedeu-se o mesmo com os restantes, e foram todos conduzidos de volta à cadeia pública; lá eles são tratados e entregues novamente aos seus senhores.

Foi um castigo cruel; o carrasco, uma constituição atlética, batia com tanta força que após cada golpe o sangue corria, e pedaços saíam voando, pele e carne; pareceu-me crueldade premeditada o fato de que antes de cada golpe ele soltava um som agudo, sibilante, de modo que o castigado sentia como que em dobro os golpes. O duro castigo – pois nenhum recebeu menos de cem chibatadas – foi suportada por todos com grande firmeza; as negras que nesta praça vendiam legumes, frutas etc. a tudo assistiram igualmente com bastante indiferença, e como apenas ladrões, ou os que ousam se opor aos seus senhores, são castigados em público e tão rigorosamente, raramente eles são lamentados pelos negros que pensam melhor, e outros veem o fato como uma advertência exemplar.

Nas praças menores estas execuções são igualmente frequentes; no início elas causam no estrangeiro uma impressão dolorida, até que ele se convence de que disso depende a conservação dos habitantes livres; pois dificilmente se poderia manter em ordem de oitenta a oitenta

e cinco mil escravos negros, que enchem diariamente as ruas da cidade, utilizando somente meios brandos. (WEECH, 1, p. 358-359).

Diversos outros momentos semelhantes, em que ocorre a mobilização de tropos e efeitos estéticos diversos, fazem dos 3 volumes da obra de Joseph Friedrich von Weech ainda hoje uma leitura extremamente interessante, e não exclusivamente em razão de seu testemunho e/ou de seu teor historiográfico. A publicação não se deixa paralisar por descrições estáticas, mas é animada por um sem-número de episódios em que o autor conjuga a acuidade de sua memória com um estilo discursivo surpreendentemente arguto e bem-acabado.

Procurei mostrar no presente texto aspectos na obra de Friedrich von Weech que nem historiadores nem críticos literários costumam articular em suas análises. De um modo geral, na abordagem de relatos de viajantes, observa-se com frequência que tais aspectos costumam comparecer dissociados, seccionados, conforme os diferentes campos disciplinares de quem os estuda. Para dar conta de uma análise que, por natureza, se presta a inúmeras abordagens, o meu propósito tem sido, aqui, como em outros ensaios, refletir, para cada caso específico, sobre diferentes teorias e suas possíveis articulações, evitando assim a prática (relativamente comum) de encaixar à força a obra abordada no aparato crítico pré-estabelecido.

Com o presente trabalho pretendi tão-somente evidenciar que o testemunho de Weech, alegadamente apoiado em suas impressões oculares e auditivas durante suas andanças pelas ruas do Rio de Janeiro, adquire funções que vão muito além das intenções narrativas anunciadas pelo autor, assim como muito além dos domínios tradicionalmente compartimentados dos campos disciplinares de quem o estuda, campos ainda hoje sedimentados em esferas de pesquisa estanques.

A exemplo de tantos outros viajantes e seus relatos, Friedrich von Weech nos enseja uma reflexão nova acerca das fontes históricas do passado oitocentista, bem como acerca de sua recepção pelos leitores da contemporaneidade, cada vez mais municiados por teorias e abordagens progressivamente transdisciplinares.

Bibliografia mencionada

HABINGER, Gabriele. *Frauen reisen in die Fremde. Diskurse und Repräsentationen von reisenden Europäerinnen im 19. Und beginnenden 20. Jahrhunderten*. Wien: Promedia, 2006.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro, “Sobre o ato de rememorar como forma de cura: considerações sobre o recurso freudiano à rememoração”, in: GALLE, Helmut, Schmidt, Rainer. *A memória e as ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 39-60.

SCHEFFER, Arquimedes, TRUJILLO, Cleber, ULRICH, Henning, “Bases neurais da memória humana”, in: GALLE, Helmut, Schmidt, Rainer. *A memória e as ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 21-38.

SCHMIDT, Rainer, “Constituição e memória”, in: GALLE, Helmut, Schmidt, Rainer. *A memória e as ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 61-86.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “O testemunho para além do falocentrismo: pensando um outro paradigma”, in: GALLE, Helmut et alii (orgs.). *Em primeira pessoa. Abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 171-191.

WEECH, J. Friedrich von. *A agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial*. Tradução de Débora Bendocchi Alves. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992.

_____. *Reise über England und Portugal nach Brasilien und den vereinigten Staaten des La-Plata-Stromes während den Jahren 1823 bis 1827*. München: Fr. X. Auer, 1831, 3 vol.